

CARAMBAIA

**Aḥmad Ibn
Fādlān**

**Viagem
ao Volga**

Relato do enviado
de um califa ao
rei dos eslavos

Tradução e apresentação
Pedro Martins Criado

APRESENTAÇÃO	
<i>Pedro Martins Criado</i>	
7	
VIAGEM AO VOLGA	
21	
OS PERSAS E OS TURCOS	
25	
OS ESLAVOS	
53	
OS RUS	
79	
OS KHAZARES	
91	
DIVISÕES POLÍTICAS DA EURÁSIA	
96	
MAPA POLÍTICO ATUAL	
97	
CRONOLOGIA	
99	
ORIGINAL EM ÁRABE	
62 – 1	

Apresentação
A viagem de um relato

A história deste livro é como a de um grande viajante. Ela se inicia entre os anos 921 e 922 d.C. – ou 309 e 310 H., de acordo com o calendário islâmico¹ –, período em que um representante do califado árabe registra a trajetória de sua comitiva durante uma missão diplomática. Esse relato foi utilizado, no século VII H./XIII d.C., como fonte de pesquisa por um geógrafo que escrevia uma enciclopédia sobre os países então conhecidos. Séculos mais tarde, somente em 1923, foi descoberto no Irã um conjunto

1 As datas neste livro são dadas tanto pelo calendário cristão (a.C./d.C.) como pelo calendário islâmico, que conta o ano 1 a partir da Hégira, simbolizada pelo H. Hégira, do árabe “migração”, é uma referência à fuga de Maomé de Meca para Medina, no ano 622 d.C. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO.]

de manuscritos do século VII H./XIII d.C. contendo quatro livros – entre eles, uma versão incompleta deste relato. Tal versão, por sua vez, passou a circular em sua primeira edição independente após a fixação em 1939.

Se é difícil determinar a amplitude da influência que este texto exerceu durante sua história, é possível afirmar que não foi pouca. Seus efeitos são observados na cultura árabe – que o consagrou entre os ícones do período histórico de maior proeminência do espírito inovador islâmico – e no Ocidente, como uma fonte histórica medieval acerca do Norte e do Leste europeus, Sudoeste Asiático e Islã, e seguem até hoje inspirando produções culturais contemporâneas. Tanto o relatório como seu autor, pela forma única de descrever o mundo, manifestam o poder de um testemunho. Talvez superficialmente seja possível tomá-lo como um documento meramente protocolar – seja pelas várias minúcias referentes a deslocamentos, personalidades citadas ou assuntos administrativos, seja pelo estilo direto, objetivo e seco de seu escritor. Entretanto, o que se extrai de seu testemunho não é um registro burocrático ou uma narrativa convencional, mas um relato da perspectiva de um viajante extremamente observador. Assim, embora a viagem seja motivada por uma missão oficial, na qual o autor exerce a função de secretário-geral do califa, de

porta-voz do comandante dos fiéis, desde a partida o narrador expõe suas observações e informações recolhidas no trajeto. O percurso que este testemunho atravessou até chegar a nós pode ser pontuado por uma sequência de eventos cruciais, ao longo de mais de mil anos. Conhecer alguns desses acontecimentos nos apresenta a história de um livro, tal qual seu narrador, viajante.

OS OLHOS DA MISSÃO

Tudo começou no ano 309 H./921 d.C., quando Almas̄ Ibn Yalṭwār, o rei dos eslavos – chamados de *ṣaqāliba* pelos árabes –, envia uma carta a Bagdá, endereçada ao califa da dinastia abássida Almuqtadir Billāh (282-320 H./895-932 d.C.). Na missiva, o rei dos eslavos pedia à autoridade máxima muçulmana apoio para a construção de uma mesquita e de um mimbar, a fim de propagar a fé do Islã e proferir o nome do califa em suas terras, e a construção de um forte, para se proteger de seus opositores. A demanda diplomática é o que motiva este livro: o líder de um grande povo do Norte pede os favores espiritual e bélico do líder islâmico. Ao longo do relato, tal situação se explica como parte de uma estratégia política pensada para combater os khazares (*ḥazar*, para os

árabes) e suas crescentes tentativas de subjugar o reino dos eslavos. Os khazares eram um povo de origem turca recém-convertido ao judaísmo cujas terras se estendiam das margens do rio Volga até o norte do Cáucaso e a região da Crimeia, governadas por um khagan, ou “grande khan” – tal qual os khanatos e khaganatos mongóis. Sua relação com os eslavos consistia na cobrança de peles como tributos proporcionais ao número de tendas de seus habitantes. Propostas de casamentos diplomáticos e o fato de o filho do rei dos eslavos ter sido feito refém do rei dos khazares também são mencionados como motivos para a construção do forte.

Atendendo ao pedido, o califa decide enviar dinheiro e um grupo de emissários para que instruissem o reino dos eslavos na lei e na fé islâmicas – entre eles, Aḥmad Ibn Faḍlān. Este descreve suas funções como: “ler para o rei as cartas do califa, entregar os presentes enviados e supervisionar os juristas e instrutores”. Pouquíssimo se sabe a respeito desse enviado além do que ele mesmo registrou da viagem, desde a partida de Bagdá até a chegada ao reino dos búlgaros do Volga – atual Bolgar, na Rússia. Em momento algum ele explicita se o relatório era uma de suas tarefas ou uma espécie de diário pessoal. A única introdução ao relato é a afirmação inicial de que este é um livro sobre aquilo que o autor viu.

De fato, a circunstância é uma missão oficial, do mesmo modo que a função desempenhada pelo narrador. Percebe-se seu caráter documental nas citações de nomes de pessoas verídicas envolvidas na expedição, questões administrativas de distritos e valores de moedas das regiões distantes do califado. Contudo, é surpreendente que um relatório comporte esses temas de teor burocrático tão naturalmente entrelaçados a informações curiosas e momentos inusitados. A travessia do frio, o corpo de um gigante e os hábitos dos povos que Ibn Faḍlān encontrou pelo caminho, entre outros, são alguns dos pontos que chamam atenção pela riqueza de detalhes. O maior destaque entre as vívidas descrições, certamente, é nada menos que o único testemunho ocular conhecido de uma cerimônia funeral viking, cuja prática já estava em declínio na época. Esta e outras descrições foram responsáveis por moldar a imagem das culturas nórdicas ao redor do mundo durante séculos.

A qualidade literária que tornou o relato conhecido surge de seu conteúdo mais subjetivo. Um desses elementos é a função de observador que define o narrador. Apesar de seu propósito oficial, o texto é marcado por descrições feitas com tanta habilidade que constantemente possibilitam que o leitor imagine suas observações em detalhes. Esse caráter

de texto visual se estabelece pela altíssima ocorrência do verbo “ver” assumindo diferentes acepções além da de “olhar”, sendo mais recorrentes “perceber”, “notar” ou “dar-se conta” – todas reunidas sob o uso do mesmo verbo, sempre usado em primeira pessoa: *ra’aytu* (“vi”). A visualidade é também reforçada pela ausência de menções a fontes escritas de informação, compartilhando espaço apenas com eventuais depoimentos orais. Da mesma maneira que reforça o caráter documental, a observação visual como modo de apreensão exclusiva do texto o apresenta como uma das formas mais elementares da transmissão de conhecimento: a combinação entre testemunho e registro.

Além disso, as situações descritas revelam espontaneidade na constante disposição de Ibn Faḍlān por retratar cena a cena. Ele se inclui constantemente na narrativa como parte do que descreve; suas perguntas ao intérprete e aos demais, sua vontade de testemunhar por si mesmo, seus juízos de valor de muçulmano ao encontrar povos “estranhos” do Norte – tudo faz parte do relato. Assim, a presença do observador ganha ainda mais destaque; torna-se o fator mais relevante do processo de registro das anotações. Foi no desempenho dessa atividade que Ibn Faḍlān se integrou aos nomes dos grandes viajantes que a cultura islâmica produziu – não como

um estudioso, mas como fonte primária de informações inéditas até então.

RELATOS COMO FONTES

Desde o século III H./IX d.C., os árabes se mostraram interessados pelos povos do Norte. Viajantes diversos, como missionários, mercadores e emissários oficiais, bem como geógrafos e historiadores, circularam por diferentes terras ao norte do califado em busca de novos horizontes, empreitadas e informações. As terras do Islã, em seu auge, abrangeram toda a Península Ibérica, passando pelo norte da África, Península Arábica, Levante, Irã, Iraque, chegando ao noroeste da Índia e à fronteira com o Cáucaso e o oeste chinês. O chamado Norte constituía-se, sobretudo, pelos territórios localizados acima da região dos centros administrativos do califado (Bagdá, Damasco). Assim, corresponde à região conhecida atualmente como Europa Centro-Oriental ou Leste Europeu. Entre as várias culturas pelas quais vieram a se interessar, um grupo delas passou a ser reunido sob o nome de *ṣaqāliba*. A tradução literal da palavra seria “eslavos”, mas, na cultura islâmica da época, era usada como referência geral aos nativos do Norte europeu, abrangendo assim também escandinavos e

germânicos. Atualmente, usa-se a palavra árabe *silāf* para designar a etnia eslava, restringindo o termo *ṣaqāliba* a tal acepção histórica. O termo *bulḡār* é usado também tanto com um caráter etnológico, referindo-se à tribo de origem turca dos “búlgaros”, como regional, como menção aos nativos da Bulgária do Volga – uma confederação formada pelos dois povos no início do século III H./IX d.C.

Entre as referências em árabe aos povos do Norte, algumas das mais antigas são do historiador andaluz Ibn Hayyān Alqurtūbī, que preservou trabalhos de Aḥmad Ibn Muḥammad Arrāzī e do filho dele, Ṭisā, os quais dão conta de um saque em Sevilha em 229 H./844 d.C. praticado por uma frota de *majūs* (adoradores do fogo) *urḍmanīyīn* (provável referência a nórdicos). Também a do geógrafo persa e diretor da agência abássida de correios e espionagem (*barīd*), Ibn Ḥurdādbih, que registra em seu *Kitāb Almasālik walMamālik* [Livro das rotas e reinos] o relatório da viagem de Sallām, o Intérprete, em 227 H./842 d.C. Este teria sido enviado pelo califa Alwāṭiq Billāh para investigar a muralha do Bicornes – personagem mítica que, no Alcorão, teria construído uma barreira para conter as constantes invasões praticadas por Ya’jūj e Ma’jūj (Gogue e Magogue). Tais figuras, por sua vez, estão presentes tanto na tradição cristã como na islâmica e, em ambas, são associadas à devastação da terra

que precederá o Dia do Juízo Final. Ibn Faḍlān também menciona tais povos ao relatar a correspondência entre o rei eslavo e os habitantes de Wīsū – como era chamada a região ao norte da Bulgária do Volga – a respeito do suposto gigante. As principais teorias defendem que estas seriam referências deturpadas a povos factuais da estepe asiática e da Sibéria antiga.

De fato, o interesse só viria a se intensificar a partir do século IV H./X d.C. Dentre os que escreveram de forma mais detalhada sobre os povos do Norte, destacam-se o viajante e geógrafo persa Ibn Rusteh em seu *Al’aḷāq Annaḡīsa* [As coisas preciosas], escrito em 290 H./903 d.C., e o cronista e geógrafo Almas’ūdī em seu epítome *Murūj Adḍahab waMa’ādin Aljawhar* [Pradarias de ouro e minas de gemas], de 331 H./943 d.C. Ambos incluem em suas obras informações colhidas de testemunhos de viajantes e mercadores, documentos, narrativas populares e, possivelmente, observações próprias. Além disso, ambos abordam povos descritos por Ibn Faḍlān, como os búlgaros, os khazares, os rus e os eslavos. Isso coloca o livro do enviado de Almuqtadir entre as fontes mais antigas a abordá-los extensamente e destaca sua importância pela quantidade de detalhes obtidos em primeira mão. Porém, seu livro ainda permaneceria desconhecido por mais três séculos, até ser descoberto por um pesquisador.

Entre 617 H./1224 d.C. e 621 H./1228 d.C., o biógrafo e geógrafo muçulmano de origem bizantina Yāqūt Alḥamawī escreveu sua enciclopédia geográfica *Muʿjam Albuldān* [Dicionário de países]. Em 612 H./1219 d.C., enquanto ainda coletava material, ele viajou a Merv, no atual Turcomenistão, onde provavelmente encontrou um manuscrito do relato de Ibn Faḍlān. Por vezes, ele cita “o relatório do enviado de Almuqtadir Billāh ao rei dos eslavos, o qual contém informações registradas desde a saída até o retorno a Bagdá”. Essa é a maior evidência de que a missão teria sido completada com sucesso, bem como de que o relatório integral continha pelo menos mais uma parte com a descrição do retorno da comitiva. Yāqūt se refere ao texto como *risāla* (carta, relatório) e incorpora longos trechos a seu dicionário geográfico, alternando-os com suas observações e outras fontes. Contudo, se possuía uma versão completa do relatório, não transmitiu todo o seu conteúdo. O que foi aproveitado está distribuído entre os verbetes Itil, Bašgrid, Bulgār, Ḥazar, Ḥuwārizm, Rūs, Ṣaqlab e Wīsū. Foi dessa forma que o livro de Ibn Faḍlān se daria a conhecer pela primeira vez; o *Muʿjam Albuldān* seria o maior preservador e propagador do relato – em fragmentos dispersos – pelos sete séculos seguintes.

Isso não impediu que extensos e relevantes trabalhos acadêmicos fossem produzidos sobre a

viagem do emissário do califa. Em 1823, enquanto trabalhava como professor de árabe e persa na Universidade de Cazã, o numismata e historiador germano-russo Christian Martin Frähn publicou o importante estudo *Ibn Fozlan's und anderer Araber Berichte über die Rußen älterer Zeit* [Ibn Faḍlān e outros relatórios árabes sobre os russos dos tempos antigos]. Ao analisar as passagens do relatório de Ibn Faḍlān incorporadas por Yāqūt a seu dicionário, Frähn reconheceu a importância do relato para a história da Rússia pelo que ele contém de informações referentes aos rus. Esse povo de origem escandinava da Suécia teria migrado entre os séculos III e VII H./IX e XIII d.C. para a região das fronteiras atuais entre Rússia, Ucrânia e Belarus, estabelecendo-se às margens do rio Volga. Um de seus principais assentamentos se tornou a atual cidade de Kiev e desempenhou uma importante função para o surgimento do que viria a ser a Rússia medieval.

Mas o momento definitivo para a história deste livro chegaria um milênio após a expedição. Em 1923, o historiador turco Ahmet Zeki Velidi Togan descobriu um conjunto de manuscritos do século VII H./XIII d.C., hoje mantido na Biblioteca Central de Astan Quds (Mašhad, Irã) e intitulado *MS 5229*. Nesse conjunto de 420 páginas, há quatro livros do século IV H./X d.C.: a primeira parte do *Aḥbār Albuldān*

[Notícias dos países], do historiador e geógrafo persa Ibn Alfaḡih Alhamdānī; duas epístolas do poeta viajante Abū Dulaf Mis^{ar} Ibn Almuḡalhil; e o relato de Ibn Faḡlān. Contudo, a versão não parece ser a mesma que Yāqūt possuía, uma vez que se interrompe abruptamente depois de apenas quatro linhas referentes aos khazares. Togan publicou a primeira fixação da *risāla* traduzida em alemão – *Ibn Faḡlān's Reisebericht* – em 1939.

ECOS RECENTES

Sua repercussão mais difundida é o romance histórico *Devoradores de mortos* (*Eaters of the Dead: The Manuscript of Ibn Faḡlān Relating His Experiences with the Northmen in A.D. 922*), do escritor, roteirista, diretor e produtor americano John Michael Crichton, publicado em março de 1976. O livro aproveita passagens diretas do relato, o protagonista Aḡmad Ibn Faḡlān e a cena da cremação funeral viking, acrescentando elementos próprios de *As mil e uma noites* e do épico anglo-saxão *Beowulf*. Em 1999, foi adaptado para o cinema como *O 13º guerreiro*, dirigido por John McTiernan, com Antonio Banderas como Ibn Faḡlān e a participação do ícone do cinema egípcio, Omar Sharif.

Em 2007, a televisão síria transmitiu um especial de Ramadã intitulado *Saqf Al^cĀlam* [O teto do mundo]. Motivada pela polêmica publicação de caricaturas do profeta Maomé no jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* em 2005, a série de trinta episódios traz uma narrativa que se alterna entre o momento histórico da viagem ao Volga e o presente. Dirigida por Najda Ismā^cil Anzūr e estrelada por Qays Aššayḡ Najīb no papel de Aḡmad Ibn Faḡlān, estabelece paralelos através de temas modernos como o choque civilizatório e o terrorismo.

SOBRE ESTA TRADUÇÃO

O texto apresentado aqui foi traduzido diretamente da língua árabe e, ao nosso conhecimento, é a primeira versão integral em língua portuguesa do relato de Ibn Faḡlān. Como há pelo menos duas formas de circulação em árabe – isto é, antes e depois da descoberta de Togan –, é comum que as versões atuais usem trechos de Yāqūt para complementar o texto após o corte na menção aos khazares. Infelizmente, uma reconstituição completa da *risāla* até o retorno da missão a Bagdá não parece possível, sobretudo pela escassez de material. Assim, esta tradução manteve o acréscimo sugerido pela edição

árabe utilizada. Sendo o original um texto contínuo, foram acrescentados subtítulos temáticos visando tanto demonstrar a variedade de tópicos abordados quanto sistematizar a leitura.

Nomes de lugares e pessoas foram transliterados conforme o sistema proposto por Safa Jubran em *Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa*, publicado na revista *Tiraz* (USP, 2004).

A literatura árabe de viagens, mais que um gênero literário, é um meio que possibilita o acesso a realidades pouquíssimo conhecidas por nossas culturas ocidentais, sejam históricas, geográficas ou literárias, e que têm muito a nos acrescentar. O relato de Ibn Faḍlān é único nesse meio e, certamente, a melhor forma de adentrá-lo e testemunhar por si as tantas qualidades que ele oferece.

PEDRO MARTINS CRIADO é formado em Árabe e Português pela Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e mestrando nas áreas de tradução, historiografia árabe e literatura de viagens. Estudou língua árabe clássica e dialeto egípcio no Instituto Francês do Cairo. É tradutor e professor.

Este é o livro de Aḥmad Ibn Faḍlān Ibn Al^oabbās Ibn Rāšid Ibn Ḥammād, protegido de Muḥammad Ibn Sulaymān, enviado de Almuqtadir ao rei dos eslavos, a respeito do que viu nos países dos turcos, dos khazares, dos rus, dos eslavos, dos basquires e de outros, seus diferentes costumes, as histórias de seus reis e as condições em que vivem, sob diversos aspectos.

Disse Aḥmad Ibn Faḍlān:²

Quando chegou uma carta de Almaš Ibn [Šilkī] Yaltwār, rei dos eslavos, ao comandante dos fiéis, Almuqtadir, pedindo um emissário que o instruisse na religião e nas leis do Islã, construisse uma mesquita e erigisse um mimbar para proclamar o nome do califa por todo o seu reino, além da construção de um forte para se defender dos reis adversários, a resposta ao pedido foi favorável.

O embaixador era Naḍīr Alḥaramī; a mim foi dada a responsabilidade de ler para o rei as cartas do califa, entregar os presentes enviados e supervisionar os juristas e instrutores. Para custear as construções que mencionamos e pagar esses juristas e instrutores, uma quantia de dinheiro lhe seria remetida da cidade conhecida como Arṭaḥušmiṭayn, um dos distritos de Ibn Alfurāt, da terra de Ḥuwārizm.

O enviado do rei dos eslavos a Almuqtadir era um homem chamado ‘Abdullāh Ibn Bāštū, o Khazarī. O

1 Na tradição de copistas de manuscritos árabes, é uma prática obrigatória abrir as cópias com essa evocação, chamada *basmallah*, que é, originalmente, o primeiríssimo versículo do Alcorão.

2 A recorrência do termo “disse” pontuando o relato, mesmo sem troca do narrador, é própria da tradição dos copistas e característica da literatura árabe. Foram mantidas todas as menções do original.

enviado do sultão era Sawsan Arrassī, protegido de Naḍīr Alḥaramī, além de Takīn, o Turco, e Bārs, o Eslavo. Eu os acompanhei – conforme mencionei antes – para entregar presentes para o rei, suas esposas, seus filhos, seus irmãos e seus generais, e um medicamento que ele pedira quando escreveu a Naḍīr.

Os persas e os turcos

A PARTIDA

Partimos da Cidade da Paz [Bagdá] na quinta-feira, à 11^a noite de Şafar do ano 309 [H./21 de junho de 921 d.C.]. Ficamos um dia em Nahrawān e saímos de novo, viajando velozmente até chegarmos a Daskara, onde passamos três dias. Então, deixamos o lugar determinados a não nos deter até alcançarmos Ḥulwān, onde ficamos por dois dias. De lá, nos encaminhamos para Qarmīsīn, onde ficamos dois dias, e então seguimos até Hamḍān, onde permanecemos três dias.

Então, prosseguimos até Sāwa, onde paramos por dois dias; de lá, partimos para Rayy, onde esperamos, por onze dias, Aḥmad Ibn ʿAlī, irmão de Şuʿlūk, que estava em Ḥuwār Arrayy. Partimos para

Ḥuwār Arrayy, para uma parada de três dias, em seguida nos dirigimos a Simnān e de lá para Dāmġān, onde encontramos por acaso Ibn Qārin, da parte de Addāī. Nós nos camuflamos em meio à caravana e prosseguimos diligentes até Nīsābūr, onde havia pouco morrera Laylā Ibn Nu‘mān. Foi lá também onde conhecemos Ḥamawayh Kūsā, comandante do exército de Ḥurāsān.

Viajamos, então, para Sarḥas; de lá para Marw, e de Marw para Qušmahān, que fica à beira do deserto de Āmul. Passamos três dias ali, deixando os camelos descansarem antes que adentrássemos o deserto. Cortamos o deserto até Āmul e, cruzando o rio Jayḥūn, chegamos a Āfrīr, o posto avançado de Ṭāhir Ibn ‘Alī.

BUḤĀRĀ

De Āfrīr, fomos até Bīkand e, então, entramos em Buḥārā. Ao chegarmos lá, nos dirigimos a Aljayhānī, secretário do emir de Ḥurāsān, que ali é conhecido como “o xeique chefe”. Ele ordenou que nos providenciassem uma casa e nos enviou um homem para atender às nossas necessidades, ficar à nossa disposição e prover tudo que pudéssemos querer. Esperamos vários dias até que ele pediu em nosso nome permissão para que víssemos Naṣr Ibn Aḥmad.

Quando o encontramos, vimos que ele era um jovem imberbe e o cumprimentamos como a um emir. Ele nos ordenou que sentássemos e a primeira coisa que nos perguntou foi: “Como estava meu senhor, o comandante dos fiéis, quando vocês o deixaram? – Deus prolongue sua vida e preserve sua saúde e a de seus jovens e auxiliares”; ao que respondemos: “Bem”. Ele disse: “Deus eleve seu bom estado!”.

A seguir, foi lida para ele a carta que o ordenava transferir o distrito de Artaḥuṣmiṭayn, das mãos de Alfaḍl Ibn Mūsā, o Cristão, representante de Ibn Alfurāt, para o governo de Aḥmad Ibn Mūsā Alḥuwārizmī. Também lhe foi solicitado que nos deixasse seguir em frente e enviasse uma carta a seu governante em Ḥuwārizm para que ele não dificultasse nossa passagem, e outra ao guardião do portão dos turcos para que nos escoltassem e não pusessem nenhuma dificuldade à nossa passagem.

Ele perguntou: “Onde está Aḥmad Ibn Mūsā?”. E respondemos: “Nós o deixamos quando saímos da Cidade da Paz. Ele nos seguiria após cinco dias”. E ele: “Ouço a ordem do meu senhor, o comandante dos fiéis, e a obedeço – Deus prolongue sua vida”.

Disse Aḥmad Ibn Faḍlān:

A notícia chegou a Alfaḍl Ibn Mūsā, o Cristão, representante de Ibn Alfurāt, que, por sua vez, elaborou